



A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO FAZER TEATRAL

The literary reader formation: some dramatic contributions

Ana Paula Menoti Dyonisio

Colégio Pedro II – RJ

apmenoti@hotmail.com

Resumo: Vigostski (2014) afirma a importância de uma educação para uma estética criadora, valorizando as diversas formas de aprendizagem. Freire (1982), educador brasileiro, defende que a escola deve ser um ambiente vivo e que a relação entre professor e aluno deve ser dialógica e de construção, em que os alunos devem aprender a ler todos os textos presentes no mundo. Para Zilberman e Magalhães (1987) a literatura para as crianças, então leitores ainda em formação, tem como objetivo fazer a mediação da leitura do mundo por meio das palavras, da linguagem escrita. Jolibert (1994) aponta a importância de as crianças estarem em contato constante com os diversos suportes textuais e materiais de leitura. Contudo, apenas o contato com os livros, somadas à obrigatoriedade da leitura não são elementos suficientes para a formação de leitores literários. Magalhães (1987) mostra o jogo como elemento importante de mediação para a compreensão do mundo pelas crianças que, após a entrada na escola, são privadas dessa atividade, considerada, pelos adultos, como atividade secundária. Os jogos teatrais, para Spolin (2007), auxiliam no desenvolvimento da oralidade, na perda da timidez, organização mental para a criação de cenas e de fatos que, posteriormente, serão importantes para a apropriação da língua escrita e de suas especificidades. O jogo, então, é um elemento essencial para o desenvolvimento das crianças e de sua aprendizagem, e um importante meio para a formação de leitores literários.

Palavras-chave: Formação de leitores. Teatro. Jogos teatrais. Leitor literário.

Abstract: Vigostski (2014) affirms the importance of an education for a creative aesthetic, valuing the various forms of learning. Freire (1982), brazilian educator, argues that the school should be a living environment and that the relationship between teacher and student should be dialogic and constructive, in which students must learn to read all texts present in the world. For Zilberman and Magalhães (1987) the literature for children, then readers still in formation, aims to mediate reading the world through words, written language. Jolibert (1994) points out the importance of children being in constant contact with the various textual supports and reading materials. However, only the contact with the books, added to the

compulsory reading is not enough elements for the formation of literary readers. Magalhães (1987) shows the game as an important mediating element for understanding the world by children who, after entering school, are deprived of this activity, considered by adults as a secondary activity. For Spolin (2007), the theater games are important for the development of orality, loss of shyness, mental organization for the creation of scenes and facts that will later be important for the appropriation of the written language and its specificities. The game, it is an essential element for the development of children and their learning and an important means for the training of literary readers.

Key-words: Formation of readers. Drama. Theater games. Literary reader.

Introdução

A escola é o ambiente destinado para a apropriação do conhecimento elaborado historicamente pela humanidade, dentre todo esse conhecimento, estão as culturas, as artes e, o objeto deste trabalho, a literatura. A escola deve cumprir, então, um papel dialógico na mediação desse conhecimento, como afirma Freire (1992).

A literatura a ser trabalhada dentro da escola, principalmente ao se pensar a formação de crianças e de adolescentes da Educação Básica, será a literatura infanto-juvenil, estudada historicamente por Zilberman(1987), observando sua importância na formação humana; bem como por Magalhães (1987), ao analisar como o jogo e o brincar podem ser semelhantes com a literatura, principalmente pelo fato de terem origem nas cantigas, histórias e brinquedos cantados nas diferentes culturas, importantes no processo de formação de futuros leitores literários.

O jogo, para Leontiev (1981), caracteriza-se como a principal forma de aprendizagem das crianças, ao definir as atividades principais de cada fase humana. Vigostki (2014), além de dissertar acerca da importância da educação estética, de definir as zonas de aprendizagem entre real e próximo, observa nos jogos um importante meio de aprendizagem para as crianças, enquanto mediadores do processo de apropriação da língua escrita e na formação de leitores.

Spolin (2017) tem em seu livro um catálogo de jogos que e mostram de suma importância para o trabalho em sala de aula, para todas as idades, com atividades de concentração, de imitação, de encenação, entre outras. O jogo teatral deve ser usado em sala de aula enquanto um papel principal na aprendizagem, e não como um meio apenas lúdico ou um passatempo.

Este artigo está subdividido em três partes, na primeira, será abordado o papel da escola e da leitura; na sequência, um breve histórico sobre a literatura infanto-juvenil, juntamente com o caráter brincante da humanidade e da necessidade da brincadeira para o desenvolvimento do psiquismo humano; e, antes das conclusões, algumas relações entre a literatura e o teatro, abordando a importância da formação estética, em que serão citados alguns jogos enquanto sugestões a serem utilizados em sala de aula.

A escola e a leitura literária

Vigotski, psicólogo russo do início do século passado, pensador do desenvolvimento humano e, mais especificamente, do infantil, define o papel da escola no processo de desenvolvimento das crianças enquanto um processo não linear, ou seja, repleto de contradições, de nuances e, justamente devido a este caráter complexo, é rico, ativo e dialógico.

Deste modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio criado entre eles. Por isso, o menos possível é interpretar esse processo como placidamente pacífico e regular. Ao contrário, a sua natureza psicológica mostra que ele é uma luta sumamente complexa, na qual se lançaram inúmeras forças das mais complexas e diversas, que ele é um processo dinâmico, ativo e dialético, que não lembra um processo de crescimento lento e evolutivo mas um processo movido a saltos, revolucionário de embates contínuos entre o homem e o mundo. (VIGOTSKI, 2004, p. 73).

Como afirma Freire (1992), a escola é um local ativo, em que professores e alunos agem em conjunto, numa relação dialógica. Partindo deste pressuposto, afirma que os textos estão no mundo e, para isso, o importante é que os alunos aprendam a ler o mundo. Nesse sentido, faz-se necessário pensar a escola enquanto ambiente de contradições, de estudo e de leitura dos diversos textos presentes no mundo. A leitura, portanto, deve ser parte integrante e anterior, inclusive, ao que se pode denominar enquanto processo de alfabetização.

Ler é ler escritos reais, que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa determinada situação de vida, “para valer” como dizem as crianças. É lendo de verdade, desde o início, que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler... (JOLIBERT, 1994, p. 15).

A leitura literária, então, deve ter um papel de suma importância nesse processo. Assim, ao se considerar a literatura enquanto parte da cultura e não desvinculada às outras questões de ordem econômica e social, Bakhtin (2017) afirma que o estudo da mesma não pode ser um fato isolado, como também não pode se restringir apenas aos fatores econômicos, pois a literatura faz parte da cultura e deve ser apropriada pela humanidade.

No ambiente escolar, a leitura literária não pode ser vista enquanto uma obrigação, mas também não pode ser tida como um mero entretenimento das horas vagas, afinal,

Educar esteticamente alguém significa criar nessa pessoa um conduto permanente e de funcionamento constante, que canaliza e desvia para necessidades úteis a pressão interior do subconsciente. A sublimação faz em formas socialmente úteis o que o sonho e a doença fazem em formas individuais e patológicas. (VIGOTSKI, 2004, p. 338-339).

Assim, deve-se pensar numa educação estética que não seja apenas para ensinar valores morais, como muitas vezes a literatura infantil fez, e nem apenas para o entretenimento, mas que seja capaz da criação. Não enquanto um meio para se fantasiar a realidade, mas sim de criar a realidade, a partir de situações concretas, bem como em conhecer e se apropriar da literatura e da cultura elaborada historicamente pela humanidade.

Literatura infanto-juvenil: breve histórico e algumas considerações acerca do desenvolvimento infantil

O conceito de infância, como afirma Ariès (2006), data do século XVII, pois, até então, crianças eram apenas a miniatura de adultos sem especificidades quanto ao trato, vestimentas, ou de educação formal, ou seja, sem requisitos e diferenciações bem delimitadas se relacionadas aos adultos.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 2006, p. 65).

Como a noção de infância não existia, a brincadeira também não era um privilégio das crianças, pois tanto crianças, como adultos, participavam das mesmas atividades e brincavam juntos. Com a Revolução Burguesa no século XVIII, as brincadeiras foram se tornando específicas às crianças e também às camadas populares.

Assim, com a delimitação da fase da infância, surgem também diversas demandas junto com a educação, inclusive dos filhos das camadas populares que, na vida das cidades, também precisavam ser educados formalmente. A literatura infanto-juvenil nasce aproximadamente nesse contexto europeu, apropriando-se de elementos do folclore, antes transmitidos pela cultura oral entre as gerações, que foram, aos poucos, transcritos para uma literatura específica para esse público.

Como afirma Zilberman (1987):

Em vista disto, explicita-se a duplicidade congênita à natureza da literatura infantil: de um lado, percebida sob a ótica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral. De outro lado, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento linguístico. É a duplicidade que assinala sua limitação, gerando o desprestígio perante o público adulto, já que este não admite o legado doutrinário que lhe transfere. (ZILBERMAN, 1987, p. 14).

Zilberman (1987) define, então, que, se por um lado, a literatura infantil tem seu caráter de ter já em seu nome a delimitação de um público a quem se destina, tem também a importância de utilizar determinados aspectos da linguagem para que esta criança ou jovem, ainda leitores iniciantes, tornem-se leitores ávidos durante toda a vida e apropriem-se dos signos linguísticos e da cultura da humanidade.

Zilberman e Magalhães (1987), em *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*, fazem uma breve retomada histórica da literatura infantil no Brasil, a partir do século XIX, com as obras de Alberto Figueiredo Pimentel, com a tradução de contos europeus, até o início dos anos 1980, com obras consideradas mais progressistas e de conteúdo mais complexo, colocando a criança enquanto agente transformador e não apenas passivo socialmente. As autoras ressaltam a importância de que tanto o conteúdo, como a

linguagem das obras não devem ser simplistas, pois devem estimular a criatividade e a experiência crítica do leitor por meio de sua linguagem e de seu conteúdo.

Leontiev (1981) define o conceito de atividade principal enquanto aquele em que os seres humanos, em suas diferentes fases, melhor aprendem. Assim, durante a infância, que pode ser entendida até os dez anos, aproximadamente, as crianças aprendem por meio do jogo simbólico, ofaz de conta, e por meio do jogo com regras.

Observa-se a importância de a escola estruturar seu ensino pensando no jogo, na brincadeira, não apenas enquanto atividades lúdicas, mas sim enquanto essenciais ao desenvolvimento e à aprendizagem dos alunos. “O retraimento do ludismo, sem o surgimento de uma atividade substituta, instaura um desequilíbrio, porque o jogo é uma forma peculiar de exploração do mundo pela fantasia que, restringida, cede lugar a uma forma de informação intelectual sobre o mundo.” (MAGALHÃES, 1987, p. 28).

Como afirma Vigotski (2004), há duas zonas de desenvolvimento, uma delas, a zona de desenvolvimento real, que é tudo o que a criança já consegue fazer sozinha, sem a mediação de um parceiro mais experiente; e a zona de desenvolvimento próximo, ou proximal, que é o que a criança ainda necessita de auxílio para executar. Portanto, a escola, ao trabalhar com crianças e com adolescentes, deve agir justamente na zona de desenvolvimento próximo, proporcionando situações de aprendizagem para que ela avance e tenha novos desafios.

Logo, se a criança está numa fase em que o jogo é a sua principal forma de aprendizagem, o uso dos jogos dramáticos é de suma importância para que as crianças entendam, gostem, fruam e se apropriem da leitura literária.

Literatura e teatro: o jogo e a importância da formação estética

Partindo do pressuposto de que a educação estética não deve ser um enfeite da vida, e sim uma das formas para se entender e se recriar a vida: “O que deve servir de regra não é o adorno da vida mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras.” (VIGOTSKI, 2004, p. 352).

A escola, enquanto o local destinado para a aprendizagem dos conteúdos elaborados historicamente pela humanidade, incluindo a literatura, deve promover um ambiente em que a

torne familiar aos alunos, que seja parte de seu cotidiano, assim como a aprendizagem da linguagem oral.

Na escola, quase sempre, o ensino do texto, entendido ainda como leitura e escrita apenas, é mal engendrado. Os traumas causados por um processo de alfabetização mal conduzido ressoam dolorosamente nas aulas de teatro. Textos são recitados de forma mecânica por alunos se não houver uma orientação metodológica que nasce pelo e no teatro. A criança brinca, dramatiza com situações e diálogos. Nas brincadeiras de roda, o texto é introduzido com leveza. Uma alfabetização assassina pode truncar essa relação espontânea com a fala. Considerando a fala como o primeiro texto, é nos jogos simbólicos da primeira infância que nasce o texto. Esse fio condutor pode ser retomado nas aulas de teatro através dos jogos teatrais, no quais o exercício espontâneo com a fala do corpo e da voz promovem processos colaborativos que nascem no plano sensório-corporal. (KOUDELA, 2015, p. 25-26).

Nesse sentido, Spolin (2015) elabora no livro *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*, de forma bem didática aos docentes, jogos para o uso na sala de aula, enquanto instrumento necessário para a aprendizagem dos alunos. Spolin (2015) aponta a importância de uma organização do trabalho com os jogos pedagógicos para o trabalho em sala de aula e os organiza entre suas diversas modalidades, como: aquecimentos; jogos de movimento rítmico; caminhadas no espaço; jogos de transformação; jogos sensoriais; contação de histórias e teatro com histórias; apresentação pública; e eliminando qualidades de amador.

Os jogos teatrais, para Spolin (2007), auxiliam no desenvolvimento da oralidade, na perda da timidez, na organização mental para a criação de cenas e de fatos que, posteriormente, serão importantes para a apropriação da língua escrita e de suas especificidades, principalmente enquanto leitores literários, observando que, durante o jogo, a criança estará em atividade e poderá entrar em contato com diversos desafios, como: observar a presença do narrador, do discurso direto e indireto, da coesão e da coerência, da descrição das personagens e a narração da história segundo outros pontos de vista, de outras personagens.

Tanto Magalhães (1987), como Spolin (2017), enfatizam a importância dos jogos, quadrinhas e brincadeiras cantadas de origem popular ou folclórica para as crianças criarem um repertório literário, novas formas de expressão e de conhecimento da cultura, visto que

essas sempre foram os primeiros contatos das crianças com a literatura e a dramatização. Mas lógico, sem excluir as demais manifestações literárias, como as eruditas.

A brincadeira de roda, por exemplo, conta uma história em que seus diversos atores assumem diversos papéis sociais, ora respondendo a música, ora fazendo a primeira voz, entre outras situações. A leitura de um poema pode ser feita de diversas formas: experimentando as múltiplas entonações e tonalidades vocais, brincando e experimentando a pontuação. O texto narrativo pode ser encenado, transformado em texto dramático e com isso, utilizar diversas técnicas, desde o teatro de sombras, de bonecos, de objetos, ou mesmo com os atores.

E, logicamente, os textos dramáticos já produzidos por adultos, os mesmo pelos alunos podem ser utilizados para as encenações, mas que essas não sejam limitadas às datas festivas ou comemorativas dentro do calendário escolar, mas sim que façam parte de um longo processo de experimentação do corpo, de textos e de ensaios, culminando na apresentação.

Os jogos, portanto, são de grande importância para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, tanto se partirmos do ponto de vista de uma formação estética criadora, como também no melhor meio de aprendizagem de diversos conceitos e conteúdos escolares, como para a compreensão da língua, de suas diversas formas de manifestação e na formação de leitores dos diversos gêneros literários.

Conclusões

A escola, ambiente plural e de contradições, tem como principal função contribuir na formação das crianças por meio do ensino do conhecimento adquirido historicamente pela humanidade.

Dentre os diversos conhecimentos, a literatura, integrante também cultural e histórico, tem grande importância nesse desenvolvimento. Então, a escola também tem como papel fundamental oferecer uma literatura infanto-juvenil de qualidade, que não se atenha apenas a valores morais, mas que coloquem a criança ou o adolescente enquanto seres criadores dentro da sociedade.

Os jogos, enquanto formas essenciais de aprendizagem das crianças, que fazem parte da tradição humana, também são essenciais nesse processo, principalmente enquanto

mediadores na compreensão de uma leitura literária que, muitas vezes, pode se apresentar como complexa aos alunos, como também nas formas desafiadoras do entendimento linguística e estrutural da língua.

Os jogos, portanto, são excelentes meios e fins para o auxílio dos alunos em diferentes situações, inclusive enquanto formação de leitores literários.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de: L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Editora 34, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 27 ed. São Paulo, Cortez, 1992.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (Vol. I).

KOUDELA, Ingrid Dormien. Introdução: a escola alegre. In: SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. (Trad. Ingrid. Dormien Koudela). 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LEONTIEV, Alexei N. **Actividad, conciencia, personalidad**. Habana: Pueblo y Educación, 1981.

MAGALHÃES, Ligia Cadematori. Jogo e iniciação literária. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cadematori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. (Trad. Ingrid. Dormien Koudela). 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. (Trad.: Paulo Bezerra). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cadematori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cadematori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

Sobre a autora

Ana Paula Menoti Dyonisio

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012). Atualmente é Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Colégio Pedro II e cursa Ciências Sociais - Bacharelado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação integral, formação de leitores, leitura, teatro e cultura popular.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9866039769179093>

Artigo recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.